

Manejo de viroses associadas à mosca-branca, *Bemisia tabaci*.

Miguel Michereff-Filho¹; Alice K. Inoue-Nagata¹; Mônica A. Macedo²

¹Embrapa Hortaliças (CNPq), Rodovia Brasília/Anápolis BR 060 Km 09, 70351-970, Gama-DF; miguel.michereff@embrapa.br; alice.nagata@embrapa.br;

²UnB/Pós-Graduação em Fitopatologia, Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, 70910-900, Brasília-DF; m1alves@yahoo.com.br

A mosca-branca, *Bemisia tabaci* biótipo B, pode transmitir mais de 120 vírus de plantas. Na cultura do tomateiro, este biótipo é vetor de pelo menos 16 espécies de *Begomovirus* (agentes causais da geminivirose ou begomovirose) e um *Crinivirus* (*Tomato chlorosis virus* – ToCV). O manejo da virose deve focar na integração de medidas de controle preventivas direcionadas ao vírus e ao vetor, visando o atraso da entrada do patógeno, a redução do seu inoculo inicial e a redução na taxa de desenvolvimento da doença na lavoura. A seleção e o uso planejado dos métodos de controle devem considerar os conhecimentos sobre as relações patógeno-hospedeiro, as características da transmissão, a gama de plantas hospedeiras, o comportamento e ecologia da mosca-branca, além dos aspectos epidemiológicos. Os primeiros 30 dias após o transplante são determinantes para o sucesso ou não do manejo da begomovirose do tomateiro. Todavia, retardar o início da infecção não é uma tarefa fácil. As medidas de controle direcionadas ao patógeno incluem: a escolha de áreas distantes de outras culturas hospedeiras; a escolha de épocas de plantio de menor incidência da doença; o uso de cultivar tolerante aos begomovírus; o uso de mudas sadias produzidas em telados que impeçam a entrada do vetor; a eliminação de fontes de inoculo dentro e fora do cultivo (tiguera e plantas daninhas); a indução de resistência ao tomateiro; a destruição dos restos culturais após a colheita; a rotação de culturas e a adoção de vazio sanitário. Para o vetor recomendam-se medidas que dificultem seu deslocamento (barreiras físicas no viveiro e ao redor do cultivo) e seu comportamento (superfícies reflectivas ou fotoseletivas e repelentes/deterrentes químicos), que reduzam sua população (inseticidas e eliminação de hospedeiros) e interfiram no processo de transmissão (óleos, etc.). Para o sucesso do manejo da begomovirose todas estas medidas deverão ser adotadas em um programa de manejo integrado implementado em escala regional.

Palavra-chave: *Begomovirus*, Aleyrodidae, controle.

Apoio: Embrapa, UnB, UFV, CNPq e CAPES.